

Entrevista

Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL)

Letícia Sicuro Corrêa¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Entrevista concedida aos professores Kátia Abreu e Eduardo Kenedy

Soletras: *Quando o seu LAB foi fundado? Qual foi sua experiência em LABs de Psicolinguística anterior à fundação do LAB que coordena?*

O LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem ó PUC-Rio) passou a assumir esse nome em 2000, em consequência da obtenção de espaço físico, da parte da PUC, e de recursos da FAPERJ, para dar continuidade e ampliar as atividades que vinham sendo conduzidas no então chamado Laboratório de Psicolinguística, que existia em espaço improvisado desde 1995.

Durante o doutorado, tive contato com o trabalho experimental conduzido na então unidade de Psicologia do Desenvolvimento do *Medical Reseach Council*, em Londres, que reunia pesquisadores e doutorandos de diferentes instituições vinculadas à Universidade de Londres, em seminários voltados para aquisição da linguagem, coordenados por Richard Cromer. Em 1997, fiz uma visita curta ao *Laboratoire de Psychologie Experimentel da Université Libre de Bruxelles*, aproveitando a ida a um congresso, tendo sido recebida por José Morais e Réjane Kolinsky e posta em contato com José Alegria, pois, na época, estava com interesse em processamento da língua escrita. Em 2005 e em 2008, fui pesquisadora visitante no então *Laboratoire de Psychologie Experimentel*, Université Paris V, em contato com Celia Jakubowicz, com quem compartilhava interesse em uma integração entre a pesquisa em processamento, aquisição da linguagem e DEL (Déficit ou Distúrbio Específico da Linguagem), sob ótica minimalista. Nesse laboratório, pude também observar o trabalho experimental de Juan Seguí, voltado para o processamento da linguagem por adultos. A

¹ Coordenadora do Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL). Docente da PUC-Rio, onde atua na Graduação em Letras e na Pós-Graduação Estudos da Linguagem, na área de Psicolinguística. Pesquisador 1B CNPq, Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. lscorreia@puc-rio.br

montagem do LAPAL teve, não obstante, a orientação de Emmanuel Dupoux, convidado a atuar no I Instituto de Inverno em Língua e Cognição, ocorrido em 1999 na PUC-Rio, o qual recebeu, em doutorado-sanduíche no *Laboratoire de Sciences Cognitives et Psycholinguistique*, de Paris, minha então orientanda de doutorado, Cristina Name, que lá aprendeu a técnica da escuta preferencial que viríamos a implantar no *baby lab* do LAPAL. A vinda de Roberta Golinkoff, da University of Delaware, como convidada do II Instituto de Inverno em Língua e Cognição em 2001 também contribuiu para a montagem do *baby lab*, que veio a ser o primeiro no Brasil e talvez na América Latina.

Soletras: *Quais os principais temas de pesquisa que seu LAB vem contemplando ao longo dos anos?*

Ainda na primeira fase, bem precária, do Laboratório de Psicolinguística, trabalhamos com o processamento da referência pronominal por crianças e adultos, buscando restrições ao uso e interpretação dessas formas, para além das restrições gramaticais, ou seja, considerando a possibilidade de acesso diferenciado a possíveis antecedentes das formas pronominais entre sentenças, em função de fatores pertinentes à sua posição da estrutura em que foram introduzidos, sua relação com o tópico do discurso, animacidade, dentre outros, que podem determinar o grau de acessibilidade dessas formas. Passei, então, a verificar a permanência da informação de ordem gramatical (como relativa a traços de gênero ou número) na memória de trabalho, após o fechamento de uma unidade de sintática. Nessa direção, demos início ao estudo de erros de atração na produção da fala, tal como evidenciados na concordância de número entre sujeito e verbo, como forma explorar a acessibilidade relativa de informação gramatical pertinente a constituintes internos ao sujeito, passíveis de intervir na forma como o verbo se apresenta. Trabalhamos também com nomes animados cujo gênero gramatical poderia não coincidir com o sexo do referente do sintagma referencial/pronome (ex. a vítima, a testemunha, que podem se referir a indivíduos do sexo masculino) em diferentes ambientes sintáticos. A pergunta era em que condições o gênero gramatical do antecedente (e não o gênero natural de seu referente) seria recuperado, sob o pressuposto de que o fechamento de uma unidade sintática promove o esvaecimento da informação gramatical em prol da permanência da informação de ordem semântica relativa ao referente da expressão em questão. O interesse por questões envolvendo gênero gramatical motivou a retomada de questões pertinentes à identificação da gramática da língua na aquisição da linguagem. Diante

da arbitrariedade da atribuição de nomes a classes de gênero em uma dada língua, seria esperado um processo de aquisição relativamente tardio por supostamente depender de frequência e inferência. Contudo, observa-se o contrário. Os erros são poucos e só tendem a aparecer depois que a identificação do gênero já transcorre sem dificuldades. Buscamos então explorar a sintaxe em andamento em fase bem inicial do processo de aquisição como instrumental à identificação do gênero de nomes via concordância. Isso nos levou à busca pela sensibilidade precoce a elementos funcionais no fluxo da fala e a variações em sua forma. Tivemos então um ciclo de estudos voltados para identificação de gênero, número, pessoa, aspecto e modo na gramática do português do Brasil, via experimentos de compreensão e produção induzida, no qual também se inclui a aquisição de complementos acusativos clíticos e com pronome forte, e distinções de número e gênero nessas formas, em estudo contrastivo com o espanhol. Retomando a recursividade, que havia sido foco de minha de tese em processamento e aquisição de relativas, voltamos a explorar custo de processamento, estratégias de minimização de custo, considerando as relativas cortadoras e a presença de pronome resumptivo, na produção e na compreensão de crianças e adultos, assim como a possibilidade de minimização de custo em função do mapeamento do sujeito de relativas restritivas de objeto a um referente, levando em conta a incrementalidade do processamento. Questões vinculadas a custo de processamento e à autonomia do processador sintático foram então enfocadas à luz do modelo de computação on-line que vimos desenvolvendo, tomando por base pressupostos minimalistas (em parceria com Maria Augusto, da UERJ). A recursividade na língua como possivelmente instrumental ao desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, em contrapartida ao custo de processamento, foi então explorada em função de projeto que agregou duas teses ó uma voltada para a cognição numérica e outra para teoria da mente. Atualmente, vimos explorando questões pertinentes a localidade e acessibilidade com vistas a integrar duas fases da pesquisa que vimos conduzindo, retomando então aspectos do processamento/aquisição de formas pronominais, acrescidas de estruturas elípticas. De forma integrada à pesquisa em processamento linguístico pelo adulto e aquisição pela criança, temos como tema ou foco de interesse, de teor mais aplicado, o estudo de manifestações do DEL (Déficit ou Distúrbio Específico da Linguagem) em crianças em idade escolar, considerando possíveis compartilhamentos de sintomas e/ou recursos com outras síndromes também de incidência relativamente alta (como TDAH, TEA e Dislexia).

Diferenças entre manifestações do DEL e síndrome de Williams foram anteriormente exploradas.

Além das linhas de pesquisa em processamento e aquisição da linguagem e em problemas da/na linguagem, por mim conduzidas, no Grupo de pesquisa do LAPAL, esse grupo de pesquisa incorpora ainda uma linha de investigação em leitura e escrita e outra em sintaxe experimental, conduzidas pelas professoras Erica Rodrigues e Cilene Rodrigues, respectivamente.

Soletras: *Quais as principais técnicas experimentais que vêm sendo empregadas nas pesquisas de seu Lab nos últimos anos?*

No processamento conduzido por adultos e adolescentes, vimos utilizando leitura automonitorada e rastreamento ocular, assim como produção induzida por preâmbulo. No estudo da aquisição da linguagem em fase inicial, utilizamos a técnica da escuta ou atenção preferencial, adequada a crianças com idade inferior a dois anos e fixação preferencial do olhar, ambas dependentes do *babylab*. Em experimentos conduzidos em escolas, assim como na avaliação de habilidades linguísticas de crianças, fazemos uso de identificação de imagens a partir de sentenças, manipulação de brinquedos, em tarefas de compreensão, e produção induzida via repetição, reconto ou complementação de frases (estilo *cloze*, conduzido oralmente).

Soletras: *Você poderia fazer uma estimativa do total de pesquisas de mestrado e doutorado que foram conduzidas no Lab?*

A partir de 2000, quando temos o LAPAL montado (com cabine para adultos e *baby lab*, e equipamento de rastreamento ocular) e assim nomeado, temos 33 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado concluídas, sob minha orientação e dos docentes do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem da PUC-Rio vinculados ao LAPAL ó Erica Rodrigues (desde 2008) e Cilene Rodrigues (desde 2012).

Soletras: *O Lab integra alguma rede de cooperação? Poderia citar outros Labs parceiros?*

Mantemos cooperação com o Círculo de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, e com o Instituto Politécnico de Setúbal, que oferece curso de formação de terapeutas da linguagem. Prestamos assessoria a estes, assim como a um grupo da Universidade del Litoral em Santa Fé, Argentina. Recentemente, fizemos contato de parceria com o *Multilingualism & Language Development Lab*, da *School of Psychology and Clinical Language Sciences*, University of Reading.

No Brasil, o NEALP é Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da UFJF tem colaborado com a cessão de espaço para teste de bebês residentes em JF e compartilha interesses com o LAPAL, uma vez que fundado e conduzido por ex-orientandos. O LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico) da UFPB, também com ex-orientando, nos tem convidado a integrar projetos. Mais recentemente, desenvolvemos um projeto em colaboração com a UFC, onde se vem explorando o uso de rastreamento ocular. Entretanto, a despeito de interesses e pressupostos comuns, observa-se que os Labs se desenvolvem de forma consideravelmente autônoma, adquirindo identidade própria, o que é algo positivo.

Como integrantes do Grupo de Pesquisa do LAPAL, temos pesquisadores do programa de Linguística da UERJ é Marina Augusto e Renê Forster, antes vinculados ao LAPAL em doutorado ou pós-doc/recém-doutor. A primeira desenvolve projeto de extensão sobre o DEL, integrado aos projetos sobre o DEL do LAPAL.

Soletras: *Além de trabalhos teóricos de interesse para a área da Psicolinguística, seu Lab desenvolve também pesquisas de interface com a área da Saúde e/ou da Educação? Se sim, quais?*

Sim, como mencionei acima, temos uma linha voltada para transtornos da/na linguagem, centrada em manifestações atribuíveis ao DEL, passíveis de serem compartilhadas com outras síndromes, e buscamos identificar o que seria, no português do Brasil, o/um marcador do DEL. Nessa linha de investigação, conduzida com crianças de escolas públicas das redes municipal e estadual do Rio de Janeiro, desenvolvemos um instrumento de avaliação de habilidades linguísticas de crianças (MABILIN é Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas), nos domínios da sintaxe, morfossintaxe e interface gramática-pragmática, assim com testamos um procedimento de intervenção que pode contribuir para a aquisição tardia ou para a otimização do desempenho no processamento de estruturas de alto

custo, particularmente afetadas no DEL, como também de difícil condução no quadro do TDAH, por exemplo. O LAPAL tem recebido como pós-graduandos e colaboradores profissionais da fonoaudiologia. Atualmente, mantemos colaboração com a Fonoaudiologia da UFF e com o Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Todo o trabalho de teor aplicado tem tido apoio da FAPERJ, via Editais Cientistas do Nosso Estado. Em função da colaboração com a Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Politécnico de Setúbal, estaremos em breve disponibilizando uma plataforma que dará acesso ao MABILIN para profissionais de saúde e educação, no Brasil e em Portugal.

Soletras: *Deixe uma palavra de seu Lab para os leitores alunos de graduação interessados em ingressar na área da psicolinguística experimental.*

O estudo do processamento e da aquisição da linguagem típica e atípica se abre a diferentes caminhos de investigação, ainda pouco explorados. No Brasil, trata-se de um campo ainda pouco desenvolvido. Logo, está apto a receber jovens curiosos, dinâmicos e também reflexivos. Requer interesses diversificados na busca por uma linguagem que possibilite o desenvolvimento de pesquisa interdisciplinar. Requer dedicação, persistência (com certo perfeccionismo, pois o trabalho experimental o requer) e prazer na interação com aqueles que contribuem voluntariamente com dados para a pesquisa, particularmente as crianças. O trabalho em equipe é fundamental, permitindo que se compartilhem dúvidas e alegrias. Como todo trabalho de pesquisa, este requer razão e paixão. Enfim, a psicolinguística experimental é um dos campos de investigação mais instigantes e promissores, levando-se em conta os avanços da linguística, os recursos para a experimentação que se sofisticam, as conquistas das neurociências (em certa medida em decorrência do que a pesquisa psicolinguística vem alcançando) e os mistérios que permanecem. A linguagem permeia a atividade humana e é por ela que o ser humano se revela. A pesquisa em linguagem nos aproxima do que há de mais humano em nós.

Entrevista realizada em 06 de junho de 2017.